

SAÚDE PÚBLICA NO SÉCULO XXI: UMA ABORDAGEM SOBRE A EPIDEMIOLOGIA

VOLUME 1

Organizadora:

Pauliana Valéria Machado Galvão



SAÚDE PÚBLICA NO SÉCULO XXI: UMA ABORDAGEM SOBRE A EPIDEMIOLOGIA

VOLUME 1

Organizadora:

Pauliana Valéria Machado Galvão



Editora Omnis Scientia

SAÚDE PÚBLICA NO SÉCULO XXI: UMA ABORDAGEM SOBRE A EPIDEMIOLOGIA

Volume 1

1ª Edição

Triunfo – PE

2020

Editor-Chefe

Me. Daniel Luís Viana Cruz

Organizador (a)

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Conselho Editorial

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Dr. Wendel José Teles Pontes

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Dr. Cássio Brancaleone

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior

Editores de Área – Ciências da Saúde

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dr. Leandro dos Santos

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistentes Editoriais

Thialla Larangeira Amorim

Andrea Telino Gomes

Imagem de Capa

Freepik

Edição de Arte

Leandro José Dionísio

Revisão

Os autores



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S255 Saúde pública no século XXI [livro eletrônico] : uma abordagem sobre a epidemiologia: volume 1 / Organizadora Pauliana Valéria Machado Galvão. – Triunfo, PE: Omnis Scientia, 2020. 207 p. : il. ; PDF

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-88958-04-9
DOI 10.47094/ 978-65-88958-04-9

1. Epidemiologia. 2. Política de saúde – Brasil. 3. Saúde pública.
I. Galvão, Pauliana Valéria Machado.

CDD 614.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora Omnis Scientia

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

O termo epidemiologia foi cunhado no século XVI na Espanha em um título de um estudo que tratava sobre a peste, sendo somente recuperado séculos mais tarde na obra Epidemiologia espanhola, que descrevia todas as epidemias conhecidas até o momento.

A Epidemiologia, ou a ciência das epidemias, objetiva estudar quantitativa e qualitativamente a distribuição dos fenômenos de saúde/doença, e seus fatores condicionantes e determinantes, nas populações humanas. É por meio desta área das ciências da saúde que podem ser tomadas muitas decisões importantes para o controle de doenças e agravos. Pois as políticas em saúde só são efetivas quando estão sob a luz da epidemiologia. E como ciência, tem crescido a cada dia, pois a 60 anos atrás, a pesquisa epidemiológica ganhava um reforço considerável, a introdução da computação eletrônica. Assim, foi possível à ampliação dos bancos de dados, e a criação de técnicas analíticas com especificações, até então, inimagináveis. Dez anos depois à “matematização” da Epidemiologia recebe um reforço considerável, a criação de modelos matemáticos de distribuição de inúmeras doenças.

No momento atual, a Epidemiologia inegavelmente aperfeiçoa o seu reconhecimento enquanto ciência. Ao mesmo tempo, busca o estabelecimento do objeto epidemiológico, à medida em que amplia o seu âmbito de ação e institucionaliza-se como prática de pesquisa. Na medida em que as contradições das respectivas formações sociais inevitavelmente se refletem sobre a estrutura acadêmica e de financiamento à pesquisa, impõe-se uma abertura para a discussão crítica dos temas da Epidemiologia. Nesta obra o leitor poderá ver uma pequena amostra do que ela é capaz de fazer pela saúde do povo.

Em nossos livros selecionamos um dos capítulos para premiação como forma de incentivo para os autores, e entre os excelentes trabalhos selecionados para compor este livro, o premiado foi o capítulo 6, intitulado “Aspectos epidemiológicos da Leishmaniose visceral no Piauí, Brasil, no período de 2014 a 2018”.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....15 **PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHERES NA CI-** **DADE DE MACEIÓ ENTRE OS ANOS DE 2009 E 2017**

Joicielly França Bispo

Adênia Mirelly Santos e Silva

Ellen Beatriz Moura Barbosa

Evylee Hadassa Barbosa Sliva

Flávia Cristina Melo de Souza

Lavínia Correia do Rozário Amorim

Lázaro Heleno Santos de Oliveira

Luiza Daniely Rodrigues de Siqueira

Maria Tereza Nascimento de Lima

Ana Paula Rebelo Aquino Rodrigues

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.15-23

CAPÍTULO 2.....24 **CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADO DO PIAUÍ,** **BRASIL, 2013-2017**

Andrea Nunes Mendes de Brito

Daniel Josivan de Sousa

Lana Raysa Silva Araujo

Marilene de Sousa Oliveira

Raksandra Mendes dos Santos

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.24-32

CAPÍTULO 3.....33
INTERSECCIONALIDADE E VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES NO CENÁRIO PIAUIENSE

Lana Raysa da Silva Araujo

Andrea Nunes Mendes de Brito

Marilene de Sousa Oliveira

Daniel Josivan de Sousa

Raksandra Mendes dos Santos

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.33-39

CAPÍTULO 4.....40
CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TUBERCULOSE EM ALAGOAS NO PERÍODO DE 2009 A 2019

Joyce Nayara Duarte da Silva

Ana Carolyn da Silva Rocha

Ellen Beatriz Moura Barbosa

Lázaro Heleno Santos de Oliveira

Lizandra Kelly Alves da Silva

Talãine Larissa dos Santos César

Evylee Hadassa Barbosa Silva

Maria Tereza Nascimento de Lima

Sthefanny Rayanna de Lima Maia

Lays Nogueira Miranda

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.40-48

CAPÍTULO 5.....49
EPIDEMIOLOGIA DAS INTERNAÇÕES POR HANSENÍASE NAS REGIÕES NORTE E NORDESTE NOS ANOS DE 2015 A 2019

Maria Eduarda Neves Moreira
Evandro Leite Bitencourt
DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.49-53

CAPÍTULO 6.....54
**ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA LEISHMANIOSE VISCERAL NO PIAUÍ, BRASIL,
NO PERÍODO DE 2014 A 2018**

Lana Raysa da Silva Araujo
Andrea Nunes Mendes de Brito
Marilene de Sousa Oliveira
Daniel Josivan de Sousa
Raksandra Mendes dos Santos

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.54-60

CAPÍTULO 7.....61
**INFECÇÃO EXPERIMENTAL E PROPORÇÃO DE FÊMEAS DE FLEBOTOMÍNEOS IN-
FECTADAS QUE SÃO INFECTANTES PARA *Leishmania (Viannia) braziliensis***

Morgana Cavalcanti Diniz
Cecília Oliveira Lavitschka
Steffany Larissa Galdino Galisa

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.72-84

CAPÍTULO 8.....72
**CASOS CONFIRMADOS DE BOTULISMO NO BRASIL NO DECÊNIO 2010 A 2019: UMA
ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES**

Lucas Facco Silva
Vinicius Faustino Lima de Oliveira
Danilo José Silva Moreira
Karoline Rossi

Suzana dos Santos Vasconcelos

Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias

Amanda Alves Fecury

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.72-84

CAPÍTULO 9.....85
O SARAMPO COMO DOENÇA REEMERGENTE NO ESTADO DE RORAIMA

Carla Mariana de Melo Beeck

Jhon Andreo Almeida dos Santos

Paula Vitória de Oliveira Sales

Rommel Correia Monte

Vinicius da Costa Faustino

Simone Lopes de Almeida

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.85-94

CAPÍTULO 10.....95
**PREVALÊNCIA DE PESSOAS VIVENDO COM HIV, ATENDIDAS NA REDE ESPECIALI-
ZADA EM BELÉM/PARÁ, NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2017**

Edson Bruno Campos Paiva

Vanessa Costa Alves Galúcio

Natasha Cristina Silva da Silva

Cybelle Silva do Couto Coelho

Sabrina De Carvalho Cartágenes

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.95-101

CAPÍTULO 11.....102
SÍFILIS GESTACIONAL E CONGÊNITA: UM PROBLEMA EMERGENTE

Regina de Souza Moreira

Rosimeire Pereira de Oliveira

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.102-111

CAPÍTULO 12.....112
INCIDÊNCIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DO MARANHÃO ENTRE 2015 A 2018

João Guilherme Peixoto Padre

Sabrine Silva Frota

João Gabriel Nunes Rocha

Ana Clara Sampaio Lima Vasconcelos

Nathalya Batista Casanova

Kenny Raquel dos Santos Silva

José Eduardo de Sousa Jorge

Ana Flávia Moura de Asevedo Assunção

Bernard Fernandes Valença de Albuquerque

Rebeca Lara da Costa Carvalho

Vitor Andrade Silva

Mylena Andréa Oliveira Torres

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.112-120

CAPÍTULO 13.....121
CASOS DE MORBIMORTALIDADE HOSPITALAR POR SEPSE NA MACRORREGIÃO CARIRI ENTRE OS ANOS DE 2015-2020

Camila da Silva Pereira

Maria Lucilândia de Sousa

Vitória de Oliveira Cavalcante

Nadilânia Oliveira da Silva

Carla Andréa Silva Souza

Ana Raiane Alencar Tranquilino

Raquel Linhares Sampaio

Mariane Ribeiro Lopes

Antonia Thamara Ferreira dos Santos

Amana da Silva Figueiredo

Micaelle de Sousa Silva

Sarah de Lima Pinto

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.121-131

CAPÍTULO 14.....132
META-ANÁLISE SOBRE O EFEITO DE PESTICIDAS NO DESENVOLVIMENTO DE
CÂNCER DE PRÓSTATA

Estelita Lima Cândido

Clarisse Nogueira Barbosa Albuquerque

Washington Moura Braz

Paulo Alex Alves Pereira

Mário Ronaldo Albuquerque

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.132-141

CAPÍTULO 15.....142
PREVALÊNCIA DE OBESIDADE NAS REGIÕES BRASILEIRAS

Alice da Silva Malveira

Rayane Dias dos Santos

Josué Leandro da Silva Mesquita

Emanuela Lima Rodrigues

Camyla Rocha de Carvalho Guedine

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.142-150

CAPÍTULO 16.....151
PERFIL DAS TRANSFUSÕES SANGUÍNEAS EM PACIENTES COM DOENÇA FALCIFORME

Lidyane Rodrigues Oliveira Santos

Jessica do Nascimento Silva Araújo

Alda Helena dos Santos Carvalho

Kelson Antônio De Oliveira Santos

Ana Rosa Rodrigues De Pinho

Karynne Sa e Silva

Grazielle Roberta Freitas Da Silva

Joelcia Mariana Ferreira Silva

Suênia Maria Da Silva Lima

Paula Fernandes Lemos Veras

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.151-163

CAPÍTULO 17.....164
ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS RESPIRATÓRIAS EM BELÉM DO PARÁ

Matheus Vinícius Mourão Parente

Carolina de Almeida Façanha

Eduarda Souza Dacier Lobato

Jéssica Cordovil Portual Lobato

Mário Roberto Tavares Cardoso de Albuquerque

Nina Pinto Monteiro Rocha

Victória Haya Anijar

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.164-73

CAPÍTULO 18.....174
ALTERAÇÕES DAS TAXAS DE INTERNAÇÃO POR DOENÇAS DO APARELHO CIRCULATÓRIO EM MINAS GERAIS: EFEITOS INDIRETOS DA PANDEMIA POR COVID-19

Wanderson Costa Bomfim

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.174-183

CAPÍTULO 19.....184
PERFIL SOCIOECONÔMICO, DEMOGRÁFICO E CLÍNICO DE CRIANÇAS INTERNADAS EM UM HOSPITAL DE MINAS GERAIS

Patrick Leonardo Nogueira da Silva

Maurícia Janaína Pinheiro Silva

Natália Souza Godinho

Ana Izabel de Oliveira Neta

Cláudio Luís de Souza Santos

Aurelina Gomes e Martins

Fábio Batista Miranda

Adélia Dayane Guimarães Fonseca

Carolina dos Reis Alves

Valdira Vieira de Oliveira

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.184-194

CAPÍTULO 20.....195
PREVALÊNCIA DE DOR MUSCULOESQUELÉTICA E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO EM TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Danielle Pereira Oliveira

Ricardo Mazzon Sacheto

Micaela Freire Fontoura

DOI: 10.47094/978-65-88958-04-9.195-202

EPIDEMIOLOGIA DAS INTERNAÇÕES POR HANSENÍASE NAS REGIÕES NORTE E NORDESTE NOS ANOS DE 2015 A 2019

Maria Eduarda Neves Moreira

Curso de Medicina, Universidade Federal do Tocantins/ Palmas (TO)

<http://lattes.cnpq.br/4077940029203566>

Evandro Leite Bitencourt

Curso de Medicina, Universidade Federal do Tocantins/ Palmas (TO)

<http://lattes.cnpq.br/0277170241323265>

RESUMO: Objetivo: A hanseníase é uma doença infectocontagiosa que representa um problema de saúde pública pelo seu poder de causar incapacidade física, social e econômica, sendo o estudo de sua epidemiologia fundamental para o desenvolvimento de políticas que favoreçam o diagnóstico precoce. Dessa forma, o objetivo do presente estudo é descrever a epidemiologia das internações de pacientes diagnosticados com hanseníase na região Norte e Nordeste do Brasil no período de 2015 a 2019. Materiais e métodos: O estudo epidemiológico apresenta natureza descritiva e foi realizado por meio da coleta de dados disponíveis no Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS) no período de 2015 a 2019 das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Verificou-se o número total de internações e óbitos, por sexo e idade, além de cor/raça, regime de internações e caráter de atendimento de casos de hanseníase. Resultados: Foram encontrados 16.514 casos durante o período analisado, percebendo-se um aumento significativo na incidência dessa doença nas regiões estudadas. O número de internações foi maior em indivíduos com 40 a 59 anos e no sexo masculino, e o número de óbitos foi maior em homens com 60 anos ou mais. As regiões Norte e Nordeste foram as únicas regiões do Brasil que apresentaram um aumento da taxa de incidência de internações em relação ao ano de 2015 e 2019. Conclusão: A incidência dos casos na região Norte aumentou mais de 50% e na região Nordeste aumentou mais de 20%, ambas no período avaliado. Destaca-se a importância dos dados encontrados por esse estudo que podem contribuir com o desenvolvimento de medidas de saúde pública relacionadas ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Hanseníase. Epidemiologia. Internações.

EPIDEMIOLOGY OF RESPONSIBILITIES FOR LEPROSY IN THE NORTH AND NORTHEAST REGIONS IN THE YEARS FROM 2015 TO 2019

ABSTRACT: Objective: Leprosy is an infectious and contagious disease that represents a public health problem due to its power to cause physical, social and economic incapacity, and the study of its epidemiology is fundamental for the development of policies that favor early diagnosis. Thus, the

objective of the present study is to describe the epidemiology of hospitalizations of patients diagnosed with leprosy in the North and Northeast regions of Brazil in the period from 2015 to 2019. Materials and methods: The epidemiological study has a descriptive nature and was carried out through data collection available at the SUS Information and Informatics Department (DATASUS) from 2015 to 2019 in the North and Northeast regions of Brazil. It was verified the total number of intentions and deaths, by sex and age, in addition to color / race, hospitalization regime and service character of leprosy cases. Results: 16,514 cases were found during the analyzed period, with a significant increase in the incidence of this disease in the studied regions. The number of hospitalizations was higher in individuals aged 40 to 59 years and in males, and the number of deaths was higher in men aged 60 or older. The North and Northeast regions were the only regions in Brazil that showed an increase in the incidence rate of hospitalizations in relation to 2015 and 2019. Conclusion: The incidence of cases in the North region increased by more than 50% and in the Northeast region it increased more 20%, both in the evaluated period. The importance of the data found by this study is highlighted, which can contribute to the development of public health measures related to the theme.

KEY-WORDS: Leprosy. Epidemiology. Hospitalizations.

1. INTRODUÇÃO

A hanseníase pode ser definida como uma doença infectocontagiosa, acarretada pelo *Mycobacterium Leprae*. A transmissão ocorre de pessoas que portam o Bacilo de Hansen - não tratadas – pelas vias aéreas superiores, e sua maior incidência se dá em classes socioeconômicas baixas, devido à multiexposição, baixo nível de formação, nutrição e moradia inadequada (BRITO et al, 2014).

A hanseníase representa um problema de saúde pública pelo seu poder de causar incapacidade física, social e econômica. O diagnóstico precoce e o tratamento imediato contribuem para reduzir a incidência da doença, o risco de incapacidades, de sequelas e de deformidades, assim como a convivência social com pessoas curadas e sem incapacidades ou sequelas graves, bem cuidadas e inseridas socialmente pode modificar a percepção que as pessoas têm sobre a doença (BRITO et al, 2014).

Sabe-se que em 1991, após adoção da poli quimioterapia como tratamento específico, a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs a eliminação da hanseníase como problema de saúde pública até o ano 2000. Nesse contexto, o Brasil, assim como os outros países, implementou políticas de tratamento ambulatorial, campanhas e diretrizes para controle da doença (HYGEIA, 2016).

Porém, avaliações estatísticas apontaram que no começo de 2005, a eliminação da hanseníase havia sido alcançada em todos os países exceto nove: Angola, Brasil, Índia, Madagascar, Moçambique, Nepal, República Centro-Africana, República Democrática do Congo e Tanzânia (HYGEIA, 2016).

Várias das principais áreas endêmicas no mundo encontram-se sob clima tropical, elevadas temperaturas e precipitações pluviométricas. Em regiões de clima temperado e frio, entretanto, a hanseníase também já apresentou incidências elevadas, não obstante fosse eliminada sem uma explicação definitiva (BRITO et al, 2015).

Nesse contexto, estima-se que atualmente, 80% dos casos novos concentram-se em países

localizados na faixa intertropical: Índia; Brasil; Myanmar; Madagascar; Nepal; e Moçambique. Tal fato reafirma a persistência desta morbidade como problema de saúde pública de importância mundial. Nessa perspectiva, um aspecto a se considerar é a urbanização da hanseníase, assim como muitas outras doenças infecciosas e parasitárias, um fato epidemiológico inquestionável (OLIVEIRA et al, 2018).

O Brasil detém o maior número de casos de hanseníase das Américas (93%) e ocupa o segundo lugar de casos no mundo, atrás da Índia e à frente da Indonésia. Assim, embora tenha ocorrido nos últimos anos uma queda acentuada na prevalência, o coeficiente de detecção de casos novos continua alto, especialmente nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste (BRITO et al, 2015).

Convém lembrar ainda que dentre as regiões brasileiras, o Nordeste, em especial o meio-norte que representa o agregado 01 em estudos de clusters de detecção de casos. Além disso, essa região destaca-se em número de casos, apresentando coeficientes de detecção com valores médios de 30/100.000 habitantes, em séries históricas que variaram de 19,60/100.000 em 1990 a 35/100.000 em 2008 (ABREU et al, 2012).

Dessa maneira, é possível observar a importância da Hanseníase como doença prevalente neste território, bem como a necessidade de se pesquisar e discutir aspectos relacionados à epidemiologia da mesma. Sendo assim, o objetivo do presente capítulo é identificar e discutir sobre o número de internações por Hanseníase nos estados Norte e Nordeste do Brasil entre 2015 e 2019.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico de natureza descritiva, retrospectivo, realizado por meio da coleta de dados anuais disponibilizados pelo Departamento de Informação e Informática do SUS- DATASUS. O período da coleta dos dados referentes ao período entre 2015 e 2019, sendo do Brasil por região e unidade da federação. As informações coletadas foram do número total de internações por hanseníase, idade, sexo e óbitos em cada região. Foram utilizadas quatro faixas etárias, 0-19 anos, 20-39 anos, 40-59 anos e maior ou igual a 60 anos e relacionou-se dentro de cada faixa etária, a incidência de casos de acordo com o sexo, a região e o número de óbitos. A partir dos dados obtidos no DATASUS, foi realizado uma análise descritiva simples. Os achados mais significativos foram apresentados. A pesquisa não possui conflito de interesses.

3. RESULTADOS

O número de internações por hanseníase no período entre 2015 e 2019 foi de 16.514 casos, dos quais 65,48% foram em homens e 34,52% em mulheres. De acordo com as regiões brasileiras, a região Nordeste registrou 34,04% do total de pacientes internados; 26,21% na região Sul; 17,78% na região Sudeste; região Centro-Oeste com 12,27% e região Norte com 9,69% dos casos de internações por hanseníase.

Em comparação com os anos de 2015 e de 2019, as regiões Nordeste e Norte apresentaram aumento no número de internações por hanseníase, sendo o acréscimo de 52,92% em relação a 2015

na região Norte e 20,51% em relação a 2015 na região Nordeste. As outras regiões apresentaram, porém, nesse período, uma diminuição no número de internações levando em consideração os anos de 2015 e 2019.

Além disso, o número total de internações hospitalares por causa da hanseníase no período estudado, segundo faixa etária, é de 1.334 casos de indivíduos de 0 a 19 anos; de 20 a 39 anos foram 4.809; verificou-se 6.086 casos em indivíduos com 40 a 59 anos, o que corresponde a 36,85% do total de casos; em indivíduos com 60 anos ou mais foram 4.285 casos.

Com relação ao número de óbitos por hanseníase no período entre 2015 e 2019 e a faixa etária, foram registrados 272 casos, dos quais, 2 casos são de indivíduos de 0 a 19 anos; de 20 a 39 anos foram 23; de 40 a 59 anos ocorreram 75; verificou-se 172 casos em indivíduos com 60 anos ou mais, o que representa 63,23% do total de óbitos. Na categorização de sexo, o número de óbitos foi maior em pessoas do sexo masculino com 67,65% do número total.

Ademais, a região Nordeste notificou 128 óbitos, o que representa 47,06% do total de mortes por hanseníase nos anos de 2015 a 2019; 64 casos na região Sul; 46 na região Sudeste; ambas as regiões Norte e Centro-Oeste com 17 casos cada.

Através do levantamento de dados sobre o número de internações por cor/raça no período de 2015-2019 foram encontrados, do total de internações, 37,49% como parda, 32,14% como branca, 23,65% sem informação, 3,63% preta, 3% amarela e 0,08% indígena.

Ainda de acordo com o total de internações no período já citado, o regime de internações ignorado relatou 13.838 casos, representando 83,8% do total, o público com 1.565 e o privado 1.111 internações.

Outros sim, as internações por caráter de atendimento tiveram uma prevalência de 12.216 casos na urgência contra 4.298 no eletivo. A região Norte apresentou 1.600 internações segundo caráter de atendimento somando os eletivos e de urgência, equivalente a 465 e 1.135 respectivamente. Já a região Nordeste notificou 5.622 internações segundo caráter de atendimento somando os eletivos e de urgência, relatando 1.707 e 3.915 respectivamente.

Por fim, o valor total para custos com a hanseníase nos anos de 2015 a 2019, foi de R\$ 12.710.686,72, o que engloba tanto serviços hospitalares como serviços profissionais.

4. DISCUSSÃO

É fundamental destacar que as regiões Norte e Nordeste foram as únicas regiões brasileiras com aumento no número de internações por hanseníase levando em consideração os anos de 2015 e de 2019. Outrossim, a região Nordeste registrou a maior quantidade de internações e óbitos pela doença no período do estudo em comparação com as outras regiões do Brasil.

De acordo com os resultados encontrados, 36,85% das internações pela doença possuíam de 40 a 59 anos e 63,23% dos casos de óbitos possuíam 60 anos ou mais, sendo que, tanto o número de internações como o número de mortes por hanseníase possuem prevalência do sexo masculino, com 65,48% e 67,65% respectivamente.

Por fim, houve um predomínio no total de internações de indivíduos pardos, de regime de

internação ignorado e com caráter de atendimento de urgência entre 2015 a 2019.

5. CONCLUSÃO

A hanseníase apresenta um alto poder incapacitante, além de ser uma doença infectocontagiosa. Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) ter proposto a eliminação da hanseníase como problema de saúde pública até o ano 2000 e o Brasil ter implementado políticas de tratamento ambulatorial, campanhas e diretrizes para controle da doença, observa-se um aumento do número de casos nos últimos anos nas regiões Norte e Nordeste. Na região Norte do Brasil, a incidência dos casos aumentou mais que 50% no período de 2015 a 2019, e na região Nordeste do Brasil, a incidência aumentou mais de 20% no mesmo período. Ademais, em geral, no Brasil, a faixa etária e o sexo mais comum para internações por hanseníase foi em homens entre 40 a 59 anos e a prevalência no número de óbitos foi em homens com 60 anos ou mais. Destaca-se a importância dos dados encontrados por esse estudo que podem contribuir com o desenvolvimento de medidas de saúde pública relacionadas ao tema, visto que essa doença ainda é um problema de saúde pública.

6. DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Não há conflito de interesse.

7. REFERÊNCIAS

- ABREU et al. Hanseníase: diagnóstico e tratamento. **Biblioteca Virtual da Saúde**. 2012; 17(4): 173-9.
- BRITO et al. Epidemiologia da Hanseníase em um estado do Nordeste Brasileiro. **Rev enferm UFPE online**. Recife, 8(8): 2686-93, ago., 2014.
- BRITO et al. Análise epidemiológica da hanseníase em um estado endêmico do nordeste brasileiro. **Rev Gaúcha Enferm**. 2015; 36(esp): 24-30.
- HYGEIA et al. Análise das Estratégias de Controle e os Impactos nos Indicadores Epidemiológicos. *Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*. Vol. 12 (22): 88 - 100, Jun/2016.
- OLIVEIRA et al. Estudo epidemiológico da hanseníase no Brasil: reflexão sobre as metas de eliminação. **Rev Panam Salud Publica**. 2018; 42:e42.

ÍNDICE REMISSIVO

A

acometimento 44, 122, 129, 166, 171
agente etiológico 42, 165
agente infeccioso 42, 123
AIDS 43, 99, 100, 101, 109
Anemia falciforme 152, 162, 163
antibióticos 73, 74, 124, 128, 129
antibotulínicos 73
aparelho respiratório 165, 185
atenção à saúde 122, 129, 187
atendimento 21, 33, 35, 73, 98, 99, 148, 154, 156, 158, 166, 187

B

bactéria 73, 74, 75, 102, 103, 113, 115
bem-estar 25, 30
Botulismo 73, 76, 77, 82, 84

C

câncer de próstata (CP) 132, 135
características das violências 33
caráter sistêmico 113, 115
caxumba 85
células nervosas 73
Clostridium botulinum 73, 74, 75, 81, 82, 84
comorbidades 43, 99, 100, 124, 154, 160, 165
compostos químicos 132, 133
concentração dos poluentes 165
contaminação alimentar 73
controle de plantas 132
controle e prevenção 114, 124
Covid-19 174, 175, 176, 180, 181
crianças internadas 185, 187, 188, 189
cuidados de higiene 73

D

danos à saúde humana e ambiental 132
Delitos Sexuais 34
Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) 43, 86, 88, 113, 165, 167
diagnóstico 74, 81, 83, 84, 90, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 128, 144, 152, 154, 155, 158, 159, 187, 188
dietas ricas em gorduras 143
dificuldade para respirar 73
doença contagiosa 85
doença crônica multifatorial 142
doença falciforme 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163
doença infecciosa 102, 103, 115
Doença Reemergente 86
doenças cardiovasculares 176, 182
doenças do aparelho circulatório 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181
doenças respiratórias 165, 166, 170, 171, 172, 173, 185, 188
Doenças Respiratórias 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172
doença transmissível 41, 42

E

efeito tóxico 73, 75

Epidemiologia 6, 31, 41, 43, 73, 110, 114, 122, 141, 148, 149, 150, 165, 173, 185
epidemiologia descritiva 185, 188
estratégias de promoção da saúde 25
estudo epidemiológico 88, 113, 115
exame laboratorial 41, 43, 83
excesso de peso 143, 144, 145, 146, 149, 150
exposição ocupacional 132, 134, 135, 137

F

fatores de risco 73, 104, 107, 109, 124, 126, 128, 134, 143, 145, 147, 148, 149, 166, 172, 180
flebotômicos 69, 70, 71
forma infectante 67, 68

H

hábitos de vida 38, 165, 166, 171
hemotransfusão 152, 155, 159, 160
HIV/AIDS 101

I

impacto econômico e social 122, 129
índice de mortes 122
infecção 68, 73, 87, 99, 100, 101, 103, 104, 108, 109, 123, 128, 131, 160, 166
Infecção Sexualmente Transmissível (IST) 113
internações por sepse 122, 125, 126

L

Leishmania 68, 69, 70, 71
leishmaniose 69, 70
lesões contagiantes 113, 115

M

medidas preventivas 102
morbidade 76, 122, 123, 125, 159, 160, 165, 166, 168, 172, 186
morbimortalidade hospitalar 122, 124, 129
mortalidade 21, 82, 83, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 134, 154, 159, 160, 165, 166, 168, 170, 172, 173, 175, 176

N

natimortalidade 108, 113
normas sanitárias 73

O

obesidade 134, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150
óbitos 42, 122, 123, 124, 127, 128, 129, 131, 150, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171
orientação sexual 99, 100

P

pandemia 174, 176, 177, 180, 181
paralisia muscular 73, 74, 82
paramixovírus 85, 87
patologia 74, 76, 77, 113, 115, 126, 165
patologia infectocontagiosa 113, 115
Perfil de saúde 152
perfil epidemiológico 16, 17, 30, 41, 42, 126, 158, 165, 170
perfil socioeconômico 100, 185, 187
pesticidas 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140
políticas de saúde 86, 187
políticas públicas 25, 28, 38, 109, 183, 186

potencial carcinogênico 132
prática sexual 100
problemas relacionados à saúde 41, 42
Programa Nacional de Imunizações (PNI) 86
promastigota metacíclica do parasita 68

R

realização de pré-natal 113, 115, 118
rede especializada 100
relações sexuais 100, 107
resposta inflamatória 123
rubéola 85

S

sarampo 85, 87, 88, 89
saúde pública 16, 17, 21, 25, 34, 38, 41, 42, 87, 108, 109, 114, 115, 122, 129, 133, 138, 147, 174, 175, 176
sedentarismo 143, 145, 150
sepsis 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131
sífilis 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 160
sífilis adquirida 103, 108, 113, 115
sífilis congênita 103, 108, 113, 115, 116
sífilis entre gestantes 102
sífilis gestacional 103, 108, 120
síndrome de caráter prevalente 122, 123
sintomas 42, 73, 74, 81, 84, 101, 102, 103, 127, 153, 158, 166, 173
Sistema de Notificações de Agravos (SINAN) 113, 115
sistema respiratório 165, 166, 172
Sistema Único de Saúde 43, 86, 88, 113, 115, 118, 124, 165, 166, 167, 187

T

taxa de cobertura vacinal 85
taxa de imunização 86, 89
taxa de infecção 67, 68
toxinas botulínicas 73, 74
transfusão sanguínea 152, 153, 155
transmissão nervosa 73, 74
transmissão sexual 113, 115
tratamento de qualidade 102, 107
tuberculose 41, 42, 44, 166
tuberculose (TB) 41, 42

U

uso de preservativos 100

V

vacina tríplice viral 85
Vias Aéreas Inferiores 165, 166, 171
vias aéreas superiores 85
Vias Aéreas Superiores 165, 166, 171
violência 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
violência contra adolescentes 34, 35, 36, 37, 38, 39
Violência contra a mulher 16, 18, 31
violência doméstica 26, 33
Violência Doméstica 25, 34
violência física 17, 34
violência física e/ou sexual 17
violência sexual 16, 17, 18, 20
vírus 42, 86, 87, 88, 101, 160, 162, 166, 180

editoraomnisscientia@gmail.com



<https://editoraomnisscientia.com.br/>



@editora_omnis_scientia



<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9>



editoraomnisscientia@gmail.com



<https://editoraomnisscientia.com.br/>



@editora_omnis_scientia



<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9>

